

THE WALKING DEAD: A MORTE DA SUBJETIVIDADE E A ASCENSÃO DO CORPO ZUMBI

Carlos Gildemar Pontes¹
Doutorando em Letras - UERN
gilpoeta@yahoo.it

Resumo: A ficção científica, hoje, revela uma série de catástrofes e perigos de toda ordem como possibilidades de destruição da terra. As lições provenientes dos filmes mostram o nosso comportamento diante do perigo de extinção. A série televisiva de maior audiência sobre o apocalipse zumbi é *The Walking Dead*. A série narra a história de um grupo de sobreviventes liderados por um ex-oficial de polícia, que se unem na luta para superar o caos provocado pela proliferação de zumbis. A partir da leitura de Gilles Deleuze e Félix Guattari, Suely Rolnik, dentre outros, diluídos ao longo do texto, iremos detalhar como se dá proposta de reorganização da sociedade a partir daquilo que lhe foi roubada, sua humanidade. Utilizando os conceitos de subjetivação ou a produção de subjetividade e “máquina de guerra” iremos discutir a transformação de um mundo capitalista em extinção pela barbárie que produz o extremo da violência e projeta um tipo ligado apenas ao instinto de sobrevivência. Como metáfora de um sistema, Deleuze e Guattari atribuem à máquina social a função de controle. É ela que vai determinar as regras da sociedade. O homem só se tornou confiável após vestir a “camisa de força social”. Nessa perspectiva, observamos como os sobreviventes de *The Walking Dead* disputam território com os zumbis e constroem suas máquinas de guerra para proteger seus territórios. Cada homem deste mundo arruinado será uma máquina-homem-zumbi. Nesta ordem desierarquizada o homem perderá a sua *ânima*, a sua *Deus ex-machina* e até que o corpo se desintegre será apenas uma *machina-zumbi*.

Palavras-chave: Zumbi. Subjetivação. Máquina. The Walking Dead

THE WALKING DEAD: LA MORT DE LA SUBJECTIVITÉ ET L'ASCENSION DU CORPS ZUMBI

Résumé: La science-fiction révèle aujourd'hui une série de catastrophes et de dangers de toutes sortes en tant que possibilités de destruction de la Terre. Les leçons tirées des films montrent notre comportement face au danger d'extinction. La série télévisée la plus regardée sur l'apocalypse des zombies est *The Walking Dead*. La série raconte l'histoire d'un groupe de survivants dirigé par un ancien officier de police, qui s'unissent dans la lutte pour surmonter le chaos provoqué par la prolifération des zombies. À partir de la lecture de Gilles Deleuze et Félix Guattari, Suely Rolnik, entre autres, dilués dans le texte, nous détaillerons comment on fait une proposition de réorganisation de la société à partir de ce qui a été volé, son humanité. En utilisant les concepts de subjectivation ou production de subjectivité et "machine de guerre", nous discuterons de la transformation d'un monde capitaliste en extinction par la barbarie qui produit l'extrême de la violence et projette un type lié uniquement à l'instinct de survie. En tant que métaphore d'un système, Deleuze et

¹ Escritor. Professor de Literatura do Curso de Letras da UFCG, Cajazeiras-PB. Graduado em Letras pela UFC. Mestre e Doutorando em Letras pela UERN.

Guattari atribuem à la machine sociale la fonction de contrôle. C'est elle qui déterminera les règles de la société. L'homme n'est devenu fiable qu'après avoir porté la "camisole de force sociale". Dans cette perspective, nous voyons comment les survivants de *The Walking Dead* se disputent le territoire avec les zombies et construisent leurs machines de guerre pour protéger leurs territoires. Chaque homme dans ce monde en ruine sera un homme-machine-zombie. Dans cet ordre non appris, l'homme perdra son âme, son dieu ex machina, et jusqu'à la désintégration du corps, ce ne sera plus qu'une machine à zombies.

Mots-clés: Zombie. Subjectivation. Machine. Les morts-vivants

De há muito, ouvimos falar em profecias que atestam o fim do mundo para uma data próxima, geralmente na virada de um século ou na existência de algum evento cósmico, como realinhamento de planetas, passagem de cometas ou supostas invasões alienígenas. De todas as formas, livros sagrados ou lendas povoam a mente dos apocalípticos expectadores do fim do mundo.

A mais antiga escrita que remete a algo do gênero são os manuscritos sumérios, de cerca de 4 mil anos antes de Cristo. Segundo esses escritos, há um planeta gigante, chamado Nibiru, que integra o sistema solar, mas tem rota elíptica, levando, aproximadamente, 3,6 mil anos para dar uma volta em torno do sol. Na passagem de Nibiru, haverá risco de choque com a Terra e, conseqüentemente, o extermínio da raça humana.

Fora das lendas e das profecias, a ficção científica é a que mais se aproxima do palpável para quem está presenciando as mudanças climáticas e a proliferação de doenças ocasionadas por bactérias ou vírus desconhecidos ou ainda não controlados pela medicina atual. Dentre os inúmeros filmes que antecipam o fim do mundo, os mais recentes têm tematizado a transformação de seres humanos em zumbis, espécies de mortos vivos que vagueiam e se alimentam de sangue ou carne humana. Esses vampiros, geralmente, foram acometidos por um hospedeiro desconhecido, uma bactéria ou um vírus, cuja cura virá depois da simbólica extinção deste mundo em que vivemos. Há embutido, em cada um desses filmes, um conceito moral que nos alerta para a forma como estamos nos relacionando com os semelhantes e da necessidade de frearmos o consumo, o egoísmo e o esgotamento dos recursos naturais do planeta.

É a ficção científica, hoje, a nossa maior revelação das possibilidades de nos salvarmos do nosso instinto destruidor. As lições provenientes dos filmes cujo tema é a presença ou a invasão dos extraterrestres podem vir em forma de conselhos, de piedade para com os humanos ou pelas lições cruéis de destruição que causam. Não importa como

se manifestem, o que está em jogo é o nosso comportamento diante do perigo de extinção. Em alguns filmes, somos nós os vilões, como em *Avatar*,² *O dia em que a terra parou*³, por exemplo. Na maioria das vezes, somos vulneráveis, porque permanece a ideia de que somos muito primitivos na relação com os nossos invasores. Mas há sempre uma solução decorrente dessas lições. Mesmo sendo reconhecidos como os maiores predadores, salvamo-nos e salvamos o que resta da humanidade em nós e no planeta.

A série televisiva de maior audiência sobre o apocalipse zumbi é, seguramente, *The Walking Dead*⁴. A concepção originária em HQ produziu uma série em quadrinhos de publicação mensal, e obteve bastante sucesso entre os jovens nos Estados Unidos, publicada pela *Image Comics*, desde 2003. O enredo foi criado e escrito por Robert Kirkman e o desenhista Tony Moore, substituído mais tarde por Charlie Adlard, na edição número 7. A partir do sucesso em quadrinhos, a série foi adaptada para o cinema e em forma de seriado, exatamente devido ao seu sucesso no formato de gibi.

The Walking Dead conta a história de um grupo de sobreviventes liderados por um ex-oficial de polícia chamado Rick Grimes, que se unem na luta para superar o caos provocado pela proliferação de zumbis. Logo depois da série televisiva, surgiu a versão impressa em livro, cujos autores são Robert Kirkman e Jay Bonansinga.

Feita esta composição do cenário de estudos, vamos incluir nesta leitura alguns conceitos trabalhados pela dupla Gilles Deleuze e Félix Guattari (D&G), Suely Rolnik, dentre outros, diluídos ao longo deste texto. Estes dois filósofos, D&G, talvez, tenham um ponto de partida para que analisemos *The Walking Dead*, por existir um princípio de semelhança entre os conceitos filosóficos propostos por D&G e o princípio de desconstrução da série fílmica. *The Walking Dead* é uma típica história do fim do mundo organizado, capitalista, produtor e produzido para o consumo.

O filme da série se inicia com a dupla de policiais Rick e Shane participando de um tiroteio. Rick é baleado e entra em coma. Ao acordar em um hospital, ele descobre que está sozinho, que já se passou algum tempo, a cidade está desertificada, como se houvesse acontecido uma guerra. Corpos se espalham pela cidade e mortos vivos surgem como se

² Filme produzido por James Cameron pela *20th Century Fox*, escrito e dirigido por James Cameron, 2009.

³ Filme produzido por Julian Balustein pela *20th Century Fox*, roteiro de Edmund H. North, baseado na história de Harry Bates, dirigido por Robert Wise. Vencedor do Globo de Ouro de 1952.

⁴ Série televisiva produzida por Jolly Dale, Caleb Womble, Paul Gadd e Heather Bellson para a AMC Studios, que foi ao ar em 2010, e atualmente conta com nove temporadas. Este ensaio analisa as seis primeiras temporadas.

fossem um pesadelo para um sobrevivente. Ao vagar pelas ruas, Rick encontra Morgan e Duane, pai e filho, que lhe contam o que aconteceu enquanto estava em coma.

O território da sobrevivência

O território se refere ao desenrolar das relações humanas em um determinado espaço — no que concerne às especificidades socioculturais e à disponibilidade e utilização dos recursos biofita-minerais — até o estabelecimento de relações de poder institucional sobre este espaço. As territorialidades são estas especificidades físico-humanas que constituem os atributos necessários à consolidação do território. Este, por sua vez, foi fundamental na transformação das relações internacionais e na afirmação do Estado Nacional moderno e atual. (COLUCCI; SOUTO, 2011, p. 116)

Como em quase todos os filmes que tematizam o apocalipse, há sempre um lugar onde se reúnem os últimos sobreviventes. Esse lugar, que em outras versões de salvação representa a Canaã bíblica, a Ítaca, na *Odisseia*, de Homero ou o Planeta Terra para os humanoides na série de ficção científica *Battlestar Galactica*⁵, de uma ou outra forma, haverá um lugar para ir e uma travessia repleta de obstáculos para ultrapassar. Este lugar pode ser paradisíaco ou simplesmente representar a única e última possibilidade de sobrevivência da raça humana. No filme *O livro de Eli*⁶, o personagem guardião do livro sagrado, escrito em Braille, realiza uma travessia no mundo desolado por uma hecatombe nuclear, tendo que enfrentar selvagens e civilizados domesticados pela lei do mais forte, dominados por um chefe que detém o poder na base da força e da violência. Ao chegar ao lugar em que o livro representa simbolicamente a redenção da raça humana, o protagonista morre e a esperança (o livro) irá redimensionar o que sobrou da humanidade. O livro revela uma linguagem restrita, mas que foi memorizada pelo guardião, independente de estar ou não com o livro.

É na simbologia da salvação que o livro representa a subjetivação do humano na sociedade. A religião, com seu código moral, apresenta a ideia de domesticar o selvagem e bárbaro neste mundo sem perspectiva, através do processo de subjetivação. No filme *A estrada*⁷, também ocorre essa travessia rumo a uma terra que abriga os últimos humanos

⁵ Série televisiva criada por Ronald Dowl Moore e produzida para o canal *Sci Fi* dos Estados Unidos, em 2003, baseado na minissérie de 1978, produzida pela rede ABC.

⁶ Filme dirigido por Albert Hughes, produzido pela *Sony film*, estrelado por Danzel Washington, em 2010.

⁷ É um filme de 2009, produzido por Nick Wechsler para Paris Filmes, com a direção de John Hillcoat e roteiro de Joe Penhall. Baseado no romance homônimo de Cormac McCarthy, escrito em 2006.

humanizados. Pai e filho sobrevivem a uma hecatombe e saem pelo mundo em busca desse lugar de sobrevivência. O vínculo pai e filho, solitários na selva concreta de bárbaros canibais modernos, é de sobreviver e caminhar até a terra prometida. No caminho, o pai adoece e o filho se junta a outro grupo de caminhantes em busca de salvação.

The Walking Dead apresenta uma proposta de reorganização da sociedade a partir daquilo que lhe foi roubada, sua humanidade. A sociedade regida através de um sistema desigual, violento e estruturada em Estados Nacionais, mas que mantinha a ilusão da utopia sobre a barbárie, foi substituída por uma sociedade degenerada política, social, econômica e culturalmente, imersa no caos e na violência, o sem Estado regulador do sistema. Essa nova ordem aboliu a moral e a ética da convivência por uma lei maior, a da sobrevivência. Ora, se o Estado é o nosso território jurídico, pelo qual nos moldamos aos aspectos sociais, a ausência dele nos empurra para uma aventura de insegurança e medo. Suely Rolnik, na apresentação de *Micropolíticas: cartografias do desejo* indica uma tendência para a qual nós, que vivemos em sociedade, devemos estar atentos.

É que quando na desmontagem, perplexos e desparametrados, nos fragilizamos, a tendência é adotar posições meramente defensivas. Por medo da marginalização na qual corremos o risco de ser confinados quando ousamos criar qualquer território singular, isto é, independente de serializações subjetivas; por medo de essa marginalização chegar a comprometer até a própria possibilidade de sobrevivência (o que é plenamente possível), acabamos reivindicando um território no edifício das identidades reconhecidas. Tornamo-nos assim – muitas vezes em dissonância com nossa consciência – produtores de algumas sequências da linha de montagem do desejo. (1986, p. 12)

É exatamente isso que busca o grupo de sobreviventes liderado por Rick – manter a sua humanidade, lutando para que os zumbis não invadam seu território de conforto provisório, pois num mundo onde predomina o caos, qualquer refúgio seguro é um território de sobrevivência.

Os sobreviventes da série até têm desejos, lembranças, memórias, mas são apagados ou suspensos quando, sob ataque zumbi ou de outros grupos, precisam defender o seu território. Assim, como poderíamos pensar a natureza do sobrevivente e do zumbi, num mundo sem controle do Estado?

O ser humano, desde o nascimento, precisa de proteção até que possa sobreviver sozinho. Isso inclui o domínio da linguagem, da locomoção e da autodefesa, não importa se ele integra uma sociedade primitiva ou pós-moderna. Já o zumbi não nasceu, ele se

tornou assim por uma anomalia genética provocada por um vírus e se expandiu pelo contato com os homens através da mordida. Nesta metamorfose, para cada mordido, morre um humano e nasce um zumbi. Tudo que se faça voltado à preservação da humanidade deverá ser pensado, ao mesmo tempo, para exterminar os zumbis. O zumbi, como é apresentado no seriado, “vive” em bandos e só morre se for acertado na cabeça. Sua percepção é limitada à audição e ao olfato. O som lhe atrai e o cheiro/sabor de sangue lhe estimula a morder e a comer e sugar as carnes e o sangue. Ao atacar um ser sadio, mordendo e sugando seu sangue, o zumbi o transforma em novo zumbi. Essa metamorfose provocada pelo canibalismo altera o estado dos humanos, mas não altera o estado dos outros animais. Portanto, a transformação de humanos em zumbis daria fim à raça humana e restauraria o planeta, visto que o homem é o seu maior predador. Neste mundo de dias contados, pois a natalidade é ínfima em relação aos “desalmados”, os conceitos de religião e de Deus, de ética e de estética, de moral ou qualquer outro conceito regulador da sociedade, são redefinidos em apenas um: o de sobreviver. A sobrevivência irá regular o tempo de dormir, de ir em busca do alimento, de comer, de vigiar, de matar zumbi etc., e se sobrar algum tempo, dos afetos e do lazer. Ao longo do seriado, a necessidade de sobreviver vai anulando as necessidades de organização cultural em torno das artes e do lazer. Toda psique humana está em alerta para o motivo maior da sua preservação como espécie individual e grupal. Os sobreviventes do grupo de Rick convivem e enfrentam suas diferenças, enquanto têm que se livrar do ataque e eliminar os zumbis.

A subjetivação da vida ou a produção das subjetividades sociais esbarram no instinto de sobrevivência. Crianças, velhos, mulheres e homens precisam aprender, em alguns casos, e reaprender, noutros casos, a sobreviver. E treinam tiro ao alvo, luta com facas e espadas, arco e flecha, bastão, ou qualquer coisa que possa esfalear a cabeça de um zumbi. Não há piedade, pois isto significaria a morte de um e o nascimento do outro, nesta metamorfose causada pelo contato com o zumbi. O processo de subjetivação ou a produção de subjetividade está suspensa quando o ideal coletivo é a sobrevivência. Portanto, o que Guattari e Rolnik falam em subjetividade, tanto relativo ao sujeito como ao social é produzida por um agenciamento coletivo de enunciação, responsável por produzir os discursos e interferir na realidade.

O sujeito subjetivo perde a sua condição de sujeito quando se transforma. Nesse momento, ele perdeu a sua humanidade ou sua “alma” e passou para o outro lado. Desta forma, sem um processo de subjetivação a sociedade se desfaz, enquanto conjunto, para se

subdividir em grupos, cada vez mais isolados e específicos. Félix Guattari adverte ainda que,

A produção de subjetividade encontra-se, e com peso cada vez maior, no seio daquilo que Marx chama de infraestrutura produtiva. Isso é muito fácil de verificar. Quando uma potência como os EUA quer implantar suas possibilidades de expansão econômica num país de Terceiro Mundo, ela começa, antes de mais nada, a trabalhar os processos de subjetivação. Sem um trabalho de formação prévia das forças produtivas e das forças de consumo, sem um trabalho de todos os meios de semiotização econômica, comercial, industrial, as realidades sociais locais não poderão ser controladas. (1986, p. 28)

A ausência da arte e do lazer priva o homem das sensações provocadas pela estética da contemplação e do prazer. O homem inserido no processo de subjetivação está muito mais propenso à criatividade, à criticidade e às formas de sustentabilidade do que o homem cru, linha dura, desarticulado do sentir.

No processo de subjetivação, a questão espacial e territorial não é levada em conta quando se trata de um mundo devastado, onde predominam as relações de força e disputa de poder através da violência. A barbárie, empregada como modo de aterrorizar os sobreviventes, faz com que um grupo que domine o território, provoque a dominação do espaço e o apagamento das identidades e, por extensão, das subjetividades. Você é do grupo do Rick, do governador, do Negan... e, do ponto de vista da narrativa fílmica, toda ação dramática e constructo narrativo são vistos, predominantemente, pela ótica do grupo do Rick – um grupo que vai sendo expandido a partir da tentativa de reagrupar a família do policial. Mulher e filho estão desaparecidos e, segundo seu amigo Morgan, podem estar entre os refugiados de Atlanta, local onde tem uma base militar para receber os refugiados. Essa tentativa de integrar novamente a família representa a angústia de estabelecer a ordem capitalista, burguesa e religiosa, tendo um representante da lei, o policial Rick, como representante do Estado. Então, ainda que o mundo esteja em escombros, *The Walking Dead* vai lembrar que existem instituições que um dia foram dominantes no mundo pré-apocalíptico. Mas essa função integradora de juntar o que está perdido revelará o mais importante nesta caminhada, a própria derrota de um modelo que gerou os zumbis como forma de atualizar a parasitagem generalizada que o capitalismo já fazia de forma seletiva.

As marcas das perdas vão aparecendo na medida em que grupos de pessoas perdidas vão se juntando e mostrando as diferenças e as idiosincrasias. Rick quer ser o

xerife e conduzir o grupo, mas não terá mais a força do Estado para apoiá-lo. Então, suas ações serão adaptadas na medida em que os espaços forem ampliando-se e os territórios forem determinando o modo de agir de cada grupo.

Todos somos ilhas desertas

Uma das possibilidades de entender o isolamento necessário à sobrevivência dos grupos seria associar este isolamento ao que Deleuze chama de “ilha deserta”. Esta, para o filósofo, seria o espaço de origem, mas não original, onde o homem irá recriar sua identidade. Aquele espaço que Noé encontrou após o dilúvio. Um pedaço de montanha acima das águas, mas que tem embaixo uma existência que já se foi. Toda ilha é um recomeço, aquilo que vai ressignificar o já existente. Nesse aspecto de renascimento, o homem pós-apocalíptico, diante de uma realidade hostil, vai reaprender o que já foi. Vai tentar possuir o que já tinha, vai tentar restaurar o que for possível para ter um referencial do que existia de sua humanidade. Como uma ilha deserta, a experiência humana pode esbarrar no vazio, daí a necessidade de recomeçar, mesmo e principalmente, em condições adversas. No mundo dos “Rick” faltará alimento, combustível, segurança, conforto que a sociedade perdeu do velho mundo destruído. Agora, em escombros, lhes restam vagar atrás da sobrevivência representada pelos velhos modos de sustentação da vida: casa (abrigo), comida, carro, combustível, armas e lutar para que outros grupos não encontrem primeiro, pois a velha forma de disputa permanece. A luta entre iguais pela posse daquilo que significa poder no mundo capitalista. Em grupos semelhantes haverá troca, partilhas: comida por armas, médico e remédios por segurança. Entre grupos rivais predomina a disputa selvagem com capturas, lutas sangrentas e mortes.

Quando a ilha deserta é finalmente territorializada, e ocupada por um grupo, trata-se logo de cercar, proteger e realizar saídas para a exploração de potencialidades de adquirir comida (coleta e caça) e depois objetos (carros e combustíveis, armas e munição) para manter o grupo protegido e alimentá-lo com a utopia do recomeço.

Ao encontrar um lugar propício para o recomeço, cuida-se logo de ver se as condições materiais possibilitam criar um muro de contenção contra os ataques zumbis e de outros grupos rivais. Feito isso, tratam de ocupar casas, prédios, plantar, armazenar e procurar sortimentos nos comércios abandonados para assegurar a subsistência do grupo. Tudo o que precisam está ali, com exceção dos muros que terão de levantar. Mas essa

ilusão de tranquilidade e paz só dura alguns capítulos. Toda harmonia é quebrada quando, em procura de alimentos, alguém é encontrado, desgarrado de algum grupo ou quando os caçadores/ coletores são atacados por outros de grupos rivais. Aí, se instaura não só o conflito, pois a segurança do grupo foi comprometida, armam-se os espíritos e o alerta da sobrevivência volta a ser a principal preocupação dos sobreviventes.

Sendo uma espécie de caçador primitivo, o sobrevivente nômade vai esgotar os recursos do local onde esteja e depois migrar em busca de condições ideais de permanência. E Deleuze admite que o nômade pode se estabelecer, “Mas não existe o puro nômade, há sempre e desde já um acampamento no qual se trata de estocar, por pouco que seja, de inscrever e de repartir, de se casar e de se alimentar”. (2011, p. 198)

Homem-Máquina-Máquina-Zumbi

O nomadismo era uma das características principais dos povos primitivos. Os homens viviam em função dos ambientes que proporcionassem bem estar e sobrevivência para seus grupos. O alimento era a principal causa das disputas. Depois da descoberta do fogo e da sua utilização na culinária, nas lutas e no aquecimento em lugares inóspitos, o homem passou a se fixar mais, a se organizar socialmente e a criar aparelhos de controle social, o que D&G chamam de *socius*. “A essência do *socius* registrador, inscricor, enquanto atribui a si próprio as forças produtivas e distribui os agentes de produção, consiste nisso: tatuar, excisar, incisar, recortar, escarificar, mutilar, cercar, iniciar.” (2011, p. 191)

A máquina social é a que controla os fluxos na sociedade, tudo que possa ser medido, marcado, posto em movimento. É ela que se sobrepõe como agente de controle da máquina territorial, a terra. Para isso, cria uma máquina de guerra que é absorvida pelo Estado para justificar o controle sobre os homens. Como metáfora de um sistema, D&G atribuem à máquina social a função de controle. É ela que vai determinar as regras da sociedade. O homem só se tornou confiável após vestir a “camisa de força social”, a se submeter a “moralidade do costume”.⁸

Se a necessidade de uso da terra pelos aspectos agregadores que ela possui provoca o ajuntamento dos homens, a máquina social os distribui de acordo com o *socius*.

⁸ Termos utilizados por Nietzsche, aproveitados por Deleuze e Guattari, no desenvolvimento conceitual de *socius*. (D&G, 2011, 192)

A eles serão dados uma identidade, uma posse, uma qualificação, um uso, uma possibilidade de criar e recriar o uso da terra de acordo com as suas conveniências e o poder que tenha sobre ela. Suas características serão acentuadas de acordo com as suas necessidades. Assim, os sobreviventes de *The Walking Dead* não disputam território com os zumbis. Eles constroem suas máquinas de guerra para proteger seus territórios. O grupo que detém mais instrumentos de poder em sua máquina de guerra executa o extermínio dos outros grupos. A disputa pela sobrevivência vai aos poucos minimizando o confronto entre homens e zumbis e acentuando as disputas entre humanos. Nesse sentido, a direção que a série toma é a de focar a sobrevivência nos modos de vida capitalistas anteriores ao apocalipse zumbi. A acumulação de terras, espaços de conforto, objetos como carros e armas, alimentos e “soldados” para defendê-los, serão mais importantes do que temer os zumbis. A mudança de foco revela uma natureza humana bélica, sanguinária, defensora de um modelo separatista e excludente que, longe de ser autopreservativo das (suas) necessidades humanas, revela o egoísmo intrínseco do sistema capitalista que perdurou.

Evidente que se a série tivesse sido concebida em outro país, sem a influência da doutrinação religiosa de base judaico-cristã, a confrontação dos valores poderiam ser outros, enriquecidos pelos aspectos culturais inerentes a outra cosmologia, a outra teosofia. Isso poderia determinar outra visão de mundo, talvez anticapitalista, mais gregário, transcendental, humanitário. Mesmo assim, não poderia apagar a natureza instintiva do homem em disputa pela vida.

A tentativa do grupo de Rick se estabelecer em algum lugar que reúna condições de refazer a humanidade, que ainda existe neles, está em risco, pois sempre esbarra na disputa com seus rivais. Assim, tecendo um ponto de contato com outras concepções de fim de mundo, de transformação pela perda da alma e pela metamorfose do corpo, o recado da Série *The Walking Dead* é que a humanidade está em vias de extinção. E isso se dará muito mais pelo apagamento das suas marcas sociais demarcadoras da sua humanidade e da desagregação da sua máquina social, do que por qualquer ameaça zumbi. Afinal, no sistema capitalista produtor de uma lógica pautada no lucro e no acúmulo de bens, aqueles que sobreviverem ao fim da máquina social, terão de enfrentar a sua maior ameaça, a herança de uma máquina de guerra. Não mais organizada, atrelada a um Estado ou a uma instituição, mas internalizada como produto da barbárie.

Cada homem deste mundo arruinado será uma máquina-homem-zumbi. Nesta ordem desierarquizada o homem perderá a sua *ânima*, a sua *Deus ex-machina* e até que o corpo se desintegre será apenas uma *machina-zumbi*.

Referências

- BROWNE, Silvia. *Fim dos tempos – Estudos, previsões e profecias*. Tradução Ebréia de Castro Alves. 2 ed. São Paulo: Prumo, 2009
- COLUCCI, Danielle Gregole; SOUTO, Marcus Magno Meira. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. *In: Geografias - artigos científicos -* Belo Horizonte: UFMG/IGC, 07 (1) 114-127, janeiro-junho de 2011.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Textos e entrevistas (1953-1974) Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo, Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo – Capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia 5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caifa. São Paulo: Editora 34, 1997.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ROLNIK, Sueli. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *A razão nômade*. Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 1993.
- SANTOS, Milton. *Da totalidade do Lugar*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Dores do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, sd.
- SILVA, Luiz Carlos Magno. *Deleuze: a nova imagem do pensamento*. Teresina: Luiz Carlos Magno Silva, 2007.

FILMOGRAFIA

AVATAR. Direção de James Cameron. *20th Century Fox*, EUA, 2009. DVD. 107min.

O DIA EM QUE A TERRA PAROU – Direção de Robert Wise. Produção de Julian Balustein. *20th Century Fox*, EUA, 1952. DVD. 92min.

THE WALKING DEAD – Produção de Jolly Dale, Caleb Womble, Paul Gadd e Heather Bellson. AMC Studies, EUA, 2010. Seriado de televisão. Nove temporadas.

BATTLESTAR GALACTICA – Produção de Ronald Dowl Moore. *Sci Fi*, EUA, 2003. Seriado de Televisão baseado na minissérie de 1978, produzida pela rede ABC.

O LIVRO DE ELI – Direção de Albert Hughes. *Sony film*, EUA, 2010. DVD. 1h58min.

A ESTRADA – Produção de Nick Wechsler. Direção de John Hillcoat. Paris Filmes, EUA, 2006. DVD. 119min.